

Os cantadores da Amazônia

NERTAN MACEDO



Toda a solércia política tupiniquim subsiste no fato simples de que a oligarquia dominante — que manda e desmanda no Brasil desde a instauração do Estado Novo e seu sistema corporativo-sindical, com base no peleguismo pa-

tronal e operário — faz o que pode para continuar iludindo a opinião pública do País. De vez em quando, até com a prática de uma certa "democracia eleitoral". Jamais, no entanto, inteirando-a com seu natural complemento, a democracia econômica: esta é repelida pela esquerda e pela direita, e o centro jamais foi apresentado a ela, manipulando-a antes através do chamado "universo empresarial" de propriedade do Estado, que se confunde cinicamente com um tipo de capitalismo oficializado sob as gordas tetas das instituições financeiras, fundações ou poderosas repartições da administração direta do governo.

Fala-se aqui, e muito, em iniciativa privada, economia de mercado etc.; mas sempre daquela maneira cuidadosa de quem cita corda em casa de enforcado. Isso num mundo em que até nos países socialistas já se desistiu das utopias coletivistas e se anseia pelo capitalismo moderno. Aqui, contudo, as falsas elites ainda estão solidamente apegadas aos ditames da Polaca do dr. Chico Campos e, hoje em dia, cheias de ciência política, insistem em manter a Nação alienada e o povo ignorante, servindo-lhe um coquetel que mistura dosadamente Mussolini e Tachito So-moza, o general Albérico Barroso e Aureliano Chaves, o ministro Zé da Cultura e o poeta, acadêmico e estadista Ribamar.

Falta seriedade, para quem deve tanto. O País navega à deriva em todos os setores, especialmente o ideo-

lógico, e a sucessão presidencial ameaça ser decidida por contingente de eleitores analfabetos e menores de idade, além dos clássicos sufragantes envenenados pelo nacional-estatismo caduco. O mesmo que é a "quinta estrela" de muito general às vésperas do pijama, que está produzindo ondas de demagogia e em cujo alteado lombo deslizam as autoridades da Nova República, como se fossem surfistas.

Recentemente, ao discursar para guardas-marinhas no Rio, o du-biê de presidente e bardo-romancista, já traduzido para o búlgaro e o javanês, preferiu bradar contra nações ricas, civilizadas, acusando-as, entre outras coisas, de tramarm a "ocupação amazônica", como se os personagens dessa história fossem lobo mau, Chapeuzinho Vermelho e vovó. Só mesmo num país lúdico-faceto como o nosso, um chefe de governo, acolitado por ministros militares, tem a cara-de-pau de repetir a sério historinhas de Trancoso. Justamente ele, comandante do pior governo republicano, tenta formar discípulos do ódio, malvineiros em potencial, para acobertar incompetência crônica. O ministro do Exército, por sua vez, já prometeu — via colunas sociais — a "caça" de navajos e sioux nas pradarias americanas, certamente fardado de Lampião. Não conta, naturalmente, com John Wayne e com a 5ª Cavalaria na guerra da Amazônia, liderada aqui por Galtieri-Sarney, num jogo que diverte o ócio da crítica movida a uísque dos bares e varandões de luzo do Rio de Janeiro.

O ridículo internacional, enquanto isso, não larga nossos calcanhures. Há dias, O Globo noticiou que a poderosa rede de TV americana CBS produziu programa sobre o Brasil intitulado Inflação mil por cento, insistindo na idéia-base de dois Brasis: um riquíssimo, outro mendigo e que só se unem para brincar o carnaval. Esqueceu de dizer, naturalmente, que a parte indigente do País (maioria) não tem acesso à democracia econômica, por inexistente,

sendo obrigada assim a subsistir sob o guante dos donos da estatização, os sócios dos monopólios oficiais, os senhores das grandes empresas públicas, empresários e esquerda, que protegem desde a opulenta Petrobrás à depauperada Siderúrgica Nacional, heranças legítimas do espírito da Polaca de Vargas.

O governo não lê jornal, pelo visto. Se o fizesse, saberia muito bem que está fazendo coro com um comunismo internacional quando acusa nações ricas e desenvolvidas de quererem se apoderar da Amazônia. Em qualquer país do mundo onde o problema ecológico é levado a sério, sabe-se qual a intenção das críticas, mas a dupla Sarney-Leônidas prefere fazer eco ao que diz o secretário geral do PCI, Achille Occhetto, através da pena disciplinada e simpaticante de Araújo Neto, do JB. O deputado comuna, fiel e obediente às instruções de Moscou, falou sobre o drama dos indígenas da Amazônia, aludindo às "ações de genocídio a que foram submetidos", chegando ao cúmulo de descobrir (ou inventar) uma citação de Marx para ilustrar sua advertência naturalista. Nós, que somos do tempo em que a Igreja estrangeira era acusada pela comunada internacional de ensinar inglês para índios e de andar disfarçada de missionária para levar nossas riquezas minerais da Amazônia, não nos espantamos com mais nada. Mas, se já andávamos conformados com a entrega da saúde nacional, por exemplo, aos radicais de esquerda nativos, ainda estamos perplexos de que sejam justamente os militares que façam dueto, com o presidente e o PCI na hora de entoar o desafio cantadoresco de mote amazônico-nacionalista. Enquanto o canoro Occhetto pinta a viola, mais rápido e trêfego do que o cego Aderaldo, Zé Pacheco e Inácio da Catingueira (leia-se Sarney-Leônidas) repondem de cá. Vão ganhar o Grammy.

Nertan Macedo é jornalista e escritor.